

**EME PORTUGAL, O NEGOCIADOR DE HONRAS:
Cidade, Sujeitos Femininos e Concepções de Modernidade na Coluna Sociedade – Feira
de Santana 1950-1960**

Cristiane Lima Santos Rocha*

RESUMO: A presente proposta busca discutir os vínculos que aproximam, história e biografia, situando os destaques sociais noticiados pelo cronista Eme Portugal na *Coluna Sociedade* do jornal *Folha do Norte* na Feira de Santana dos anos de 1950 a 1960, enfatizando como aquele colunista social assumiu o papel pedagógico de encaminhar os moços na apropriação do lugar social que lhes pertenciam, de educar seu público leitor, percebendo como paralelamente essa “personagem principal”, vai desaparecendo e dando lugar ao cotidiano, as identidades e as estratégias de sobrevivências do grupo social a que pertencia. Assim, fez necessário revelar os lugares e territórios das novas formas de sociabilidades que surgiam, através dos clubes que apresentavam como característica principal ser um espaço formado por um grupo social interessado em ser reconhecido como moderno.

PALAVRAS-CHAVE: História, Biografia, Sociabilidades.

A questão da biografia, enquanto uma abordagem no campo histórico, vem me despertando interesse desde o término da minha dissertação de mestradoⁱ em que, através do estudo e análise dos periódicos do *Folha do Norte*, pude entrar em contato com Manuel Portugalⁱⁱ, que de uma forma simplória poderia ser chamado de o escritor de fofocas. Contudo, o atual empenho pelas fofocas e o fofoqueiro se dar pelo fato de que essa “personagem principal”, ao longo desse primeiro esboço de investigação histórica, vai desaparecendo e dando lugar a múltiplas e complexas relações de grupos sociais que buscavam constituírem territórios para serem reconhecidos como modernos.ⁱⁱⁱ

Assim sendo, não pretendemos aqui seguir o caminho de uma biografia tradicional que procure trazer a tona uma trajetória individual com uma linearidade de começo, meio e fim, procuramos, na elaboração da cidade moderna, de novos ideais de comportamento para a mocidade feirense e de novas identidades para mulheres e homens a partir da reestruturação das condutas, sem que houvesse uma desestruturação do sistema normativo dos papéis sociais de gênero, situar o biografado.

As crescentes recomendações do colunista Eme Portugal, na “Coluna Sociedade”^{iv} sobre a vida social para a pequena elite local feirense se evidencia na maneira como participa, cada vez mais, ao longo da década de 1950, na sugestão de modernos códigos da conduta

moral e sexual para mulheres e homens, procurando colocar em questão as velhas tradições e concepções que informavam os antigos padrões de comportamento daqueles grupos sociais.

Na leitura e análise da “Coluna Sociedadade”, tornou-se significativa a compreensão de como Eme Portugal, enquanto representante e porta-voz de um grupo social de Feira de Santana, pensava a feminilidade, mas, também, a masculinidade, o que nos permitiu identificar que os processos sociais ali elaborados serviam para demarcar as desigualdades entre os sexos.

Neste sentido, coube notar, como fez Guacira Louro, que a construção do que é feminino e masculino, em uma determinada época e em uma determinada sociedade, é ditado, em verdade, pela forma como as características sexuais são representadas e valorizadas e que tais diferenças são normalmente elaboradas tendo a mulher com referência, não como padrão, do discurso legitimador.^v Não se trata de nos basearmos numa dicotomia de homem dominante versus mulher dominada. Ao contrário, estamos falando de um grupo social específico que fazia parte da elite local que se formava num território específico da cidade, portanto, de homens e mulheres permeados pelas variáveis de classes, raças, religiões e idades.

A Feira de Santana de 1950 a 1960, via surgir novas formas de sociabilidades através dos clubes que apresentavam como característica principal ser um espaço formado por um grupo social que estabelecia relações sócio-culturais, deixando para segundo plano a residência da cidade, a casa da fazenda e os espaços individuais, para ser um espaço que abrigava a todos participantes daquele grupo.

Numa leitura atenta das publicações da imprensa local, mais especificamente dos periódicos do jornal *Folha do Norte*, podemos perceber que a arte de viver a modernização feirense, seria compartilhada em “festas requintadas”, no convívio social com os autênticos “aristocráticos”,^{vi} aprimorando assim a moralidade pública da cidade. Os comportamentos eleitos seriam, neste caso, aqueles que lembrariam “a descendência européia nos sertões”.^{vii}

Tomando como inspiração os brotos feirenses, bem como as matinês e soirées que aconteciam no Feira Tênis Clube, Eme Portugal criou um universo de inspiradoras beldades. Pelas páginas do jornal *Folha do Norte*, Feira de Santana passaria a ser situada não apenas como a cidade que crescia e se modernizava através da urbanização dos espaços, dos lugares que se tornavam espaços de sociabilidades, de criação de hábitos e modismos, como também a cidade das mulheres mais bonitas.

Em Portugal falava dos brotos feirenses inspirando-se na cidade e no estilo de vida dos seus habitantes, os brotos tão referenciados pelo colunista social, exibiam a atmosfera juvenil nas páginas do *Folha do Norte*. “Brotos” era uma gíria comum na época para designar adolescentes, moças bonitas. A própria lógica por trás do termo parece remeter à mulher que está começando a experimentar a vida e seus desafios, desabrochando como uma flor.

Assim, partindo de uma leitura própria de mocidade, Eme Portugal se constituiu no grito de alerta no que diz respeito a elegância da mulher feirense. Como o próprio colunista aponta ao “grande desenvolvimento social da *Princesa do Sertão*”^{viii}, era preciso adotar uma elegância condizente a esse desenvolvimento, uma “elegância que não era basicamente apenas um vestido bonito”.^{ix}

As regras de etiqueta e beleza presentes em Portugal eram dirigidas às moças feirenses em tom de conselho, no artigo *Fugindo a Rotina*,^x o colunista recomendava que: “ser realmente elegante não é somente usar um vestido e sapatos novos, numa festa ou qualquer outro acontecimento social”, em sua concepção “não era justo, não era aplausível nem concebível que as mulheres conservassem as bolsas e luvas nas malas, pois precisavam progredir no que tangia à elegância”. E como articulador da seleção anual das “dez moças mais bonitas de Feira de Santana” aconselhava que “não era admissível que as senhoras e senhoritas feirenses, principalmente as Dez Mais, saíssem às ruas com vestidos ‘ligeiros’ e desacompanhadas de um complemento indispensável a toda mulher elegante: a bolsa”.^{xi}

Em seu papel pedagógico, Portugal visava educar seu público leitor, mulheres e homens da elite feirense, para o ingresso nos novos tempos, não admitia que “senhoras e senhoritas comparecessem aos cinemas sem estarem devidamente enluvadas, dado o grau de civilização que se encontrava Feira de Santana”. E alertava,

Já somos uma cidade que cresce a passos de gigante. Possuímos um comércio luxuoso, clubes aristocráticos dignos de qualquer Capital, cinemas onde a elegância feminina deve preceder a tudo. [...] Sei perfeitamente que todas possuem um variadíssimo estoque tanto de bolsas como de luvas. Acontece, porém, que só fazem uso delas quando vão a Salvador. [...] As senhoras que não lograram classificações no concurso das Dez Mais o meu apelo, no sentido de procurarem equipararem às colocadas ou ultrapassá-las. Que haja competição de elegância feminina nas ruas, nos cinemas, nos clubes, nas recepções para então podermos nos ufanar de possuir a nossa cidade o plêiade das mulheres mais elegantes do interior. Que esta crônica encontre receptividade entre as elegantes da Princesa do Sertão e que a partir de amanhã constate em todos os acontecimentos sociais o atendimento às minhas sugestões. Ao terminar um lembrete: Quando for a rua faça-se acompanhar da bolsa. Ao ir ao cinema, use bolsas e luvas. Indo a um

casamento use bolsas, luvas e chapéu. Convençamo-nos de que somos civilizados; deixemos os complexos demonstrando personalidade, autenticuemos a nossa civilização.^{xii}

A cidade que via desaparecer os lugares de sua memória coletiva e muitas de suas tradições inventadas para a cidade reformada, via surgir, paralelamente, lugares marcados pelo enaltecimento de uma elegância que autenticasse a modernização que estava se delineando, que representasse as mais elegantes do interior, as mais elegantes da *Princesa do Sertão*. A Eme Portugal caberia esse papel pedagógico.

É interessante perceber que os conselhos de Portugal se destinavam às senhoras e senhoritas que representavam a pequena elite local feirense, e que, portanto, tinham sua condição financeira constantemente ilustrada nas freqüentes viagens de férias às capitais do Brasil, especialmente a Salvador e Rio de Janeiro, como foi o caso, por exemplo, das senhoritas Ana Maria Albuquerque e Maria Ester Portugal que se encontraram em Salvador em suas férias,^{xiii} e da senhorita Nelinha Pereira que em fevereiro de 1958 teve como destino de férias o Distrito Federal via São Paulo.^{xiv}

Dirigindo-se a uma elite, e não à maioria da população, que permanecia sem acesso à versão do moderno e suas lições, propagadas nos periódicos do *Folha do Norte*, a linguagem direta presente na “Coluna Sociedade” auxiliava numa comunicação maior com o público leitor, já que um dos objetivos da coluna era rever de tudo quanto se passava nos eventos ocorridos no Feira Tênis Clube, ela era feita para os grupos sociais que faziam parte e freqüentavam o clube, assim as notícias seguiam um tom de fofoca envolvendo, pois, o relato de fatos sobre o comportamento alheio, mais buscavam também construir memória e exercer uma função pedagógica na medida em que procurava imprimir um modelo que partia de um grupo social, mas que também atuava sobre ele, buscando orientar as percepções e as sensibilidades dos leitores a respeito da cidade e seus sentidos.

Associando humor e crítica social e uma clara militância pelo moderno, Portugal estabeleceu uma relação entre o clube, a cidade, os sujeitos femininos da beleza e as concepções de mocidade e modernidade, privilegiando o comentário social, em tom de fofoca, enquanto instrumento da definição dos limites do grupo social a que pertencia, pois não se faz fofoca sobre estranhos, pois a estes não se impõem as mesmas normas.^{xv}

Surge em nossa sociedade um lindo e encantador broto que é a beleza mais recente da nossa cidade e que vem despertando grande interesse nos jovens de nossa terra. Trata-se da senhorita Diva Brito. Já está usando aliança na mão direita a jovem senhorita Mariza Souza que foi pedida pelo Carlos

Alberto, jovem pertencente a sociedade baiana. Aos noivos os meus sinceros parabéns. Também quero revelar para os meus leitores que está de amor novo na Capital com um quintanista de Direito a simpática Tereza Assis Borges que evidentemente acontecerá este ano o seu noivado. As garotas do nosso mundo social reclamam insistentemente a falta do Dr. Francisco Pinto um dos grandes partidos da nossa terra. Mas é que o Francisco está se restabelecendo para continuar no nosso Soçaite.^{xvi}

Na coluna social de Eme Portugal o tom de fofoca tinha uma função educativa, pois em vez dos pais explicarem as normas morais a seus filhos, estes, ao lerem as notícias nos jornais aprenderiam as nuances práticas dos princípios morais do grupo. Mas a fofoca do articulista funcionava também como integração do grupo social, pois era uma rede de troca, ser objeto, sujeito da fofoca representava essa integração.

Além disso, a “Coluna Sociedade” atuaria como veículo de propagação dos ideais do moderno, que não se circunscreveriam apenas ao âmbito da política ou da economia, mas também nas transformações dos costumes, dos comportamentos e das idéias daquele tempo. Num tom informal para dar um toque de intimidade com o seu leitor, buscou atingir seu principal objetivo: transmitir um ideal de belo e de modelo para a construção de um corpo moderno.

A exibição dos *tailleurs*, dos vestidos de gala esvoaçantes marcava o tempo em que a austeridade cedia espaço às roupas mais glamourosas: “saias rodadas e volumosas, com a cintura marcada, muitas vezes por um cinto apertado eram cada vez mais freqüentes, enquanto que os chapéus enfeitados cediam lugar aos rabos de cavalo e laços de fita no cabelo”.^{xvii} Ficando patente, portanto, que na elaboração do corpo moderno há uma valorização do vestuário e dos acessórios, há uma analogia entre a moda e o desejo de ser moderno.

De forma que a moda atuava na constituição e manutenção da identidade da pequena elite feirense, por isso servia como elemento de destaque na produção de uma nova mulher, consumidora e refinada, e especialmente na formação de uma mocidade educada e habituada à modernização dos costumes que se propagava. Assinalar o processo de construção do lugar social dessa elite feirense interessada em ser moderna.

Nas recomendações de Eme Portugal apareceriam não só a sistematização do uso de vestuário e acessórios como também a indicação das marcas de roupas que passavam a ser referência de elegância e tendência da moda, linhas como “Saco”, “Trapézio”, “Diretória”, “Triângulo”, começavam a fazer parte do cenário da moda na *Princesa do Sertão* de 1958, como marcas de referência do bom gosto. E passavam a ser apresentadas à cidade nos corpos

das “encantadoras senhoritas” feirenses, nos desfiles de moda promovidos por Eme Portugal e patrocinadores, como por exemplo, as Casas Pernambucanas, no evento intitulado “O Broto do Ano”, como o próprio título esclarece, festa em que se escolhia e apresentava à sociedade feirense o broto de maior destaque nos ditados padrões de beleza.^{xviii}

Moda era um fio condutor da divulgação das mulheres modernas veiculadas em Feira de Santana dos anos de 1950, através das páginas e seções do Jornal *Folha do Norte*, especialmente na “Coluna Sociedade”, uma estratégia que se confirma na divulgação da modernização, os concursos de beleza feminina passariam a propagar mocidade, elegância e padrão de beleza, conseqüentemente deixando de fora as classes populares feirense, sem acesso aos produtos, mas que não estariam de todo, afastadas dos rituais da moda da elite local, basta pensarmos no papel que os figurinos^{xix} desempenhavam nas mãos da mãe, da comadre, da irmã mais velha e da vizinha que exerciam a atividade da costura.

Contudo, é pertinente inferir que tais padrões excluía, as classes populares e a maioria negra da população, sublinhando hierarquias e discriminações estruturalmente enraizadas, através do viés aparente, invisível e simbólico, mas não por isso menos eficaz. De forma que, coerentemente com o projeto de afirmação da modernização em Feira de Santana, Eme Portugal expressou nitidamente não apenas que não se dirigia às famílias das classes populares, como também as faziam desaparecer da cidade tal como esta aparecia retratada em suas fofocas.

Eram nos espaços de sociabilidades que as mulheres, especialmente as moças solteiras, poderiam exercitar a arte da sedução, valorizando seus atributos físicos através do vestuário e acessórios, entrando no jogo da conquista, sem, contudo, abrir mão de sua honra, enquanto virtude, respeitando a honra familiar. Em Feira de Santana, a arte da sedução, o jogo da conquista tinha que ser pautado pela moral e bons costumes, deixando a iniciativa do flerte para os rapazes, por isso, era preciso deixar registrado que era o “jovem Pedro Carneiro que atirava sua seta no coração de uma senhorita pertencente à sociedade de Tanquinho”, que era “Agnelo Portugal que demonstrava interesse em dançar com a senhorita Norma Simões”.^{xx}

Os comportamentos descritos por Eme Portugal passavam a constituir numa estratégia de divulgação dos procedimentos de autocontrole feminino para que não ferissem a unidade esperada entre ela e a moralidade da ordem social a que pertenciam. De forma que o colunista social através do humor e da irreverência exprimia de uma forma despreziosa idéias não tão aceitas para os padrões conservadores masculinos e também femininos que estavam

presentes nos discursos e práticas jurídicas e mesmo nas falas de outros colonistas e articulistas do jornal do *Folha do Norte*.

Mas, o investimento na modernização e na implantação de atitudes modernas não foi apenas na cidade, e com as moças feirenses, também aos rapazes seria lançado o artificialismo moderno que buscava afastar as novas gerações do modelo de masculinidade que representavam os patriarcas do passado. Numa cidade como Feira de Santana, enraizada numa tradição que enaltecia a masculinidade, a virilidade conviveria de forma tensa com a lógica da modernização dos hábitos, das aparências, onde as normas do bom gosto e da elegância estariam longe de serem avaliados como atributos estritamente femininos.

Aos homens inseridos na Feira de Santana dos anos de 1950 a 1960 não cabiam mais as rudezas de costumes, a rigidez de caráter, mas também se temia uma afeminação.^{xxi} Se a masculinização da mulher assinalava o declínio da instituição familiar na medida em que subvertia a ordem da dominação masculina. Também a possibilidade de feminilização do homem caracterizaria um atentado à moralidade pública, a honra familiar.

Assim, houve a necessidade de encaminhar os moços na apropriação do lugar social que lhes pertenciam por seu direito à precedência, para que não se desviassem do destino de capitalizar alianças políticas, econômicas e familiares, mantendo a honra precedente, a moral e os bons costumes. De qualquer modo, os esforços feitos no intuito de construir para Feira de Santana um lugar característico daquela modernidade foram estabelecendo novas identidades na quais jovens rapazes da pequena elite local feirense, articulando alianças matrimoniais tornavam-se orgulhosos de suas qualidades intelectuais e morais, vaidosos pelo poder financeiro que detinham. Com essa premissa que Eme Portugal apresentava aos brotos feirenses a lista dos maiores partidos da *Princesa do Sertão*.

Conforme prometi, aqui está, para contentamento das jovens que aspiram fazer um bom casamento, a lista dos maiores partidos de Feira: Luís Falcão (na intimidade Lúlú) proprietário de imóveis nesta cidade e em Salvador. Fazendeiro, sócio da Casa Império. Filho de João Marinho Falcão. Promete casar nos próximos dois anos. Antônio Araújo (na intimidade Maneco). Tabelião, vereador, rotariano, fazendeiro e proprietário de imóveis nesta cidade. Promete casar no próximo ano. Já tem em mãos o projeto de uma belíssima casa funcional a ser construída na rua Barão do Rio Branco, onde irá residir. Pretende casar no máximo até 1960. Francisco Pinto (na intimidade Chico). Advogado, político, fazendeiro e proprietário de imóveis nesta cidade. Como Antônio Araújo, tem planos para casamento também no próximo ano. Pedro Carneiro Neto (na intimidade Carlito). Possui fazendas nos municípios de Feira e Itaberaba e vários prédios de aluguel aqui em

Feira. Promete casar nos próximos dois anos. Florisvaldo Albuquerque (na intimidade Florí). Grande proprietário de imóveis em Feira, bastante dinheiro nos Bancos. Tem cadilac. Veraneia todos os anos em Araxá ou Poços de Caldas. Promete casar no máximo até 31 de dezembro. Renato Teixeira (na intimidade, Renatinho). Comerciante de combustíveis – proprietário nesta cidade e em Santo Amaro – Lions. Grande simpatia. Carlos Cerqueira (Carlinhos). Fazendeiro, comerciante e proprietário. Está louco para casar. José Maria Vieira (Zé). Prospero negociante, fazendeiro. Boa praça. José Barkis. Fazendeiro, negociante. Muita juventude. Só fala em casamento. (...) Grande fazendeiro, proprietário nesta cidade. Milionário.^{xxii}

Os eleitos por Eme Portugal: Luís Falcão, Antônio Araújo, Francisco Pinto, Pedro Carneiro Neto, Florisvaldo Albuquerque, Renato Teixeira, Carlos Cerqueira, José Maria Vieira, José Barkis e o jovem milionário que o colunista não identificou, reuniam não apenas uma pomposa condição econômica e financeira como prometiam concretizar com brevidade o matrimônio. Assim, podemos sugerir que a “Coluna Sociedade” também era divulgadora de uma vigilância da sexualidade masculina na medida em que o casamento para os moços aparecia como um emergente objetivo.

É preciso notar que o casamento não servia apenas para manter laços socioeconômicos entre as famílias, como para manter um status sobre a honestidade das famílias, ou seja, para manter a honra familiar. Daí a necessidade de preparar a mocidade para a principal mudança de fase da sua vida que era o matrimônio, pois uma ameaça rondava a realização de um bom casamento: cada vez menos era uma decisão paterna, passando a ser cada vez mais a escolha e decisão feminina.

A presença feminina nas matinêes, nas soirées e nas boates do Feira Tênis Clube geravam práticas de sociabilidade, de compreensão estética e ética que instauravam o lugar social dos grupos sociais, através de sutilezas e perspectivas próprias, e que eram apreendidas e divulgadas na “Coluna Sociedade”, que a exemplo dos manuais de boas maneiras, serviam como parâmetro das novas noções de elegância, etiqueta e comportamento compondo e organizando um novo modelo de mulher.

As sociabilidades presentes no Aristocrático Tênis Clube, no Cine-Teatro Íris, na Euterpe Feirense com suas filarmônicas e no Cine Euterpe em parceria com a França Filmes do Brasil, formalizavam gestos, modas e modos femininos que demarcariam o surgimento de um novo tipo mocidade, podemos mesmo sugerir, que o clube, aos olhos de Eme Portugal, passaria a ser o lugar de preparação de uma mocidade para o casamento. E seus eventos que reunia a beleza, o glamour e simpatia da brotolândia feirense, se constituiriam no espaço de

debutar, em que as famílias apresentavam suas filhas à sociedade, constituíram-se numa espécie de cerimônia de preparação dessa mocidade para o casamento, para a responsabilidade de ser uma célula representativa da sociedade que se pretendia modernizada.

Naquilo que podemos apreender que os lugares destinados às sociabilidades evidenciadas pelo colunista social Eme Portugal, eram espaços de negociação de honras, destacando-se, entre outros critérios, as virtudes pessoais, em que a elegância, a beleza física e o comportamento virtuoso se constituíam no capital feminino, enquanto que para os moços levava-se em conta o capital econômico, o prestígio político^{xxiii}.

* Mestre em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB – Campus. E-mail cricalima04@hotmail.com

ⁱ SANTOS, Cristiane Lima. *Moderna, mas honrada: moralidade e honra sexual – Feira de Santana 1940-1960*. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado da Bahia- Campus V. Programa de Pós Graduação em História Regional e Local, 2010.

ⁱⁱ De uma maneira intimista assinava suas crônicas como Eme Portugal. Segundo ALMEIDA, Oscar Damião. *Dicionário Personativo, Histórico, Geográfico e Institucional de Feira de Santana*. Gráfica Nunes Azevedo, 2002. Nascido em Feira de Santana, Manuel Portugal teria sido um dos melhores colunistas sociais da cidade, já que utilizou a imprensa escrita e falada para propalar os eventos locais e também anunciar as novidades das grandes capitais. Movimentando a sociedade feirense da década de 1950, através de sua coluna social e de sua locução no rádio, promovia as festas de mais alto brilho na cidade feirense como: “o broto do ano”, “as dez mais”, “noite do Havaí” e “festa de debutantes”.

ⁱⁱⁱ O conceito de moderno foi posto em prática de uma forma que não alterasse as bases de uma sociedade hierárquica e excludente. Cabe ressaltar que a proposta de modernização em Feira de Santana efetuou um arranjo entre os ideais do moderno e a ordem já estabelecida. O ato físico de construir a nova cidade remeteu ao universo simbólico e material de seu ingresso no mundo dos valores nacionais, já que a remodelação urbana era paralela ao que era percebido como seu saneamento estético e moral: o apagamento da cidade sertaneja, pastoril e a construção de um cenário moderno.

^{iv} A coluna social do Jornal *Folha do Norte*, de autoria de Eme Portugal que atinge seu ápice nos idos de 1958, noticiando as matinês e soirées que aconteciam no Cine Euterpe e, especialmente, no Feira Tênis Clube.

^v LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p.33.

^{vi} É um termo muito presente na fala do colunista social Eme Portugal quando se refere aos frequentadores e ao próprio Feira Tênis Clube.

^{vii} BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006, p.58-60. No artigo “A Season Cor do Sol” publicado no *Folha do Norte* em novembro de 1940, Boaventura com o pseudônimo de Zé Fernandes “fala de uma princesinha da renascença sufocada da melancolia das cortes isoladas”, aborda ainda dos “salões dos clubes que gritam por um chá, por um coquetel” e conclui que “a Feira de Santana necessitava ampliar a sua projeção social, devendo solidificar a fama dos seus bailes exponenciais de bom gosto e civilidade”.

^{viii} O jurista baiano, Ruy Barbosa, ao visitar Feira de Santana em 1919, criaria esse epíteto, para referenciar o mérito da cidade como a mais importante do interior do Estado, caracterizando-a como uma espécie de segunda capital da Bahia, devido ao seu destaque comercial, em especial no comércio do gado. Em *Obras completas de Rui Barbosa: Campanha da Bahia*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa e Ministério da Cultura, 1988, vol. XLVI, tomo III, pp. 173-185, há a transcrição completa da Conferência de Feira de Santana onde declara: “vimos todos à busca, nesta romagem

pelos sertões e pelo recôncavo, de Vila Nova da Rainha à Feira de Santana, da antiga corte sertaneja à bela princesa do sertão”.

^{ix} FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 29 mar 1958, p.06

^x FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 29 mar 1958, p.06

^{xi} FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 29 mar 1958, p.06

^{xii} FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 29 mar 1958, p.06.

^{xiii} FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 11 jan 1958, p.04.

^{xiv} FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 08 fev 1958, p.04.

^{xv} Ver FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

^{xvi} FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 11 jan 1958, p.04.

^{xvii} Ver PENNA, Gabriela Ordones. *Vamos Garotas! Alceu Penna: moda, corpo e emancipação feminina (1938-1957)* / Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Senac, Campus Santo Amaro – São Paulo, 2007.

^{xviii} Ver FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 13 set 1958, p.04.

^{xix} “Figurino” era o termo que se costumava usar para fazer referência às revistas que continham ilustrações de modelos, de cortes. As pessoas costumavam adquirir o desenho da moda em páginas de revistas para que as costureiras copiassem, mesmo que fosse necessário remodelar a partir de uma outra vestimenta, aproveitando o tecido.

^{xx} FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 11 jan 1958, p.04; FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 15 mar 1958, p.06.

^{xxi} Ver SIMÕES, Kleber José Fonseca. *Os homens da Princesa do Sertão: modernidade e identidade masculina em Feira de Santana (1918-1928)* / Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

^{xxii} FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 07 jun 1958, p.06.

^{xxiii} A esse respeito são interessantes as análises de Pitt-Rivers em “A Doença da Honra”, ao estabelecer a honra diz também do “olhar do outro sobre si”, que nada mais é do que o processo de transformação da honra sentida em honra provada e reconhecida na forma de reputação, prestígio e de “honras” que compete ao outro conceder. In: CZECHOWSKY, Nicole. (Org.). *A Honra: Imagem de Si ou o Dom de Si – Um Ideal Equívoco*. Porto Alegre: R&PM, 1992.